

SEXUALIDADES INDÍGENAS





PAULO DE TÁSSIO BORGES DA SILVA (ORG.)

SEXUALIDADES INDÍGENAS

editora
DEVÍRES

SEXUALIDADES INDÍGENAS

Paulo de Tássio Borges da Silva (Org.)

Editor: Gilmaro Nogueira
Diagramação: Daniel Rebouças
Revisor: Alexandre Alves
Arte da Capa: Auá Mendes

CONSELHO EDITORIAL

Prof. Dr. Carlos Henrique Lucas Universidade Federal do Oeste da Bahia – UFOD	Prof. Dr. Leandro Colling Universidade Federal da Bahia – UFBA
Prof. Dr. Djalma Thürler Universidade Federal da Bahia – UFBA	Profa. Dra. Luma Nogueira de Andrade Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB
Profa. Dra. Fran Demétrio Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB	Prof. Dr. Guilherme Silva de Almeida Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ
Prof. Dr. Helder Thiago Maia USP - Universidade de São Paulo	Prof. Dr. Marcio Caetano Universidade Federal do Rio Grande – FURG
Prof. Dr. Hilan Bensusan Universidade de Brasília – UNB	Profa. Dra. Maria de Fatima Lima Santos Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ
Profa. Dra. Jaqueline Gomes de Jesus Instituto Federal Rio de Janeiro – IFRJ	Dr. Pablo Pérez Navarro Universidade de Coimbra - CES/Portugal e Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG/Brasil
Profa. Dra. Joana Azevedo Lima Devry Brasil – Faculdade Ruy Barbosa	Prof. Dr. Sergio Luiz Baptista da Silva Faculdade de Educação Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ
Prof. Dr. João Manuel de Oliveira CIS-IUL, Instituto Universitário de Lisboa	
Profa. Dra. Jussara Carneiro Costa Universidade Estadual da Paraíba – UEPB	

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

S64 Sexualidades indígenas / organizador Paulo de Tássio
1.ed. Borges da Silva. – 1.ed. – Salvador, BA : Devires,
2022. 152 p.;

Bibliografia
ISBN : 978-85-93646-47-8

1. Etnologia indígena. 2. Homossexualidade.
3. Povos indígenas. 4. Sexualidade. I. Silva, Paulo de
Tássio Borges da. I. Título.

12-2022/35

CDD 305.08

Índice para catálogo sistemático:

1. Etnologia indígenas : Sexualidade : Sociologia 305.08
Biblioteca: Aline Grazielle Benitez CRB-1/3129

Qualquer parte dessa obra pode ser reproduzida, desde que citada a fonte. Direitos para essa edição cedidos à Editora Devires.

 Editora
DEVIRES

Av. Ruy Barbosa, 239, sala 104, Centro – Simões Filho – BA
www.editoradevires.com.br

SUMÁRIO

PREFÁCIO

7

APRESENTAÇÃO

11

NOTAS DE UMA TRAJETÓRIA
DE PESQUISA EM
SEXUALIDADES INDÍGENAS

15

INSTANTÂNEOS DAS
HOMOSSEXUALIDADES NO
CONTEXTO POTIGUARA
DA PARAÍBA

43

CASAR-SE COM GENTE DE FORA:
NOTAS SOBRE A PREDÇÃO FEMININA E A
CONSANGUINIZAÇÃO DA ALTERIDADE

73

PINTADO COM O GRAFISMO
DA DIVERSIDADE: UM INDÍGENA
HOMOSSEXUAL NO UNIVERSO ACADÊMICO

95

**O PROJETO COLONIAL E
O PROCESSO DE ESESTRUTURAÇÃO
DAS SEXUALIDADES INDÍGENAS NO BRASIL**

107

**GÊNEROS E SEXUALIDADES
EM CONTEXTOS INDÍGENAS**

129

POSFÁCIO

143

SOBRE OS(AS) AUTORES(AS)

149

PREFÁCIO

Escrever nunca é tarefa fácil. Escrever sobre a escrita dos outros, então, soa muitas vezes a prepotência e arrogância.

O prefaciador ou prefaciadora quase sempre tem o papel de dizer quão boa a obra que se segue; é como se nós, que prefaciamos, tivéssemos algum tipo de legitimidade para isso. Não vou fazer isso. Não por humildade acadêmica ou excesso de zelo, mas por preferir fazer deste Prefácio um exercício de gratidão.

Somos pouco gratos na academia e, quando o somos, nós o fazemos por obrigações institucionais ou para cumprir alguns ritos da velha e boa academia. Sabemos disso também: quem aí acha mais importante agradecer ao órgão financiador do que ao nosso gato, por exemplo? Mas faço deste Prefácio um momento sincero de agradecimento e deferência a cada uma e cada um de vocês, autoras e autores destes textos.

Tenho a sorte de conhecer a todos, se não pessoalmente, por textos ou ideias jogadas aqui ou ali. Aprendo e aprendi muito com cada uma dessas pessoas. O organizador deste livro, por exemplo, é alguém a quem acompanho (e admiro) há anos e que sempre trouxe excelentes provocações em seus textos – algo que, infelizmente, também tem faltado na academia nestes tempos particularmente obscurantistas.

Contudo, não vou fazer deste Prefácio uma apresentação: Paulo faz isso muito melhor do que eu neste livro. Como eu disse, meu objetivo aqui é ser grato.

Aprendi e aprendo muito sobre Antropologia, colonialismo, racismos e epistemicídio, sendo incomodado por esse tema. Ler trajetórias como as de Jefferson e de Neimar, trazidas aqui, transcendem a experiência objetiva – como fica claro no texto escrito pelo Danilo. Impossível achar que é possível lidar com essas jornadas tal qual faziam os “pais fundadores” da Antropologia: tratando pessoas

indígenas como objetos, obliterando suas vozes ou suprimindo os aspectos mais pessoais de suas lutas.

Discutir “sexualidades” em contextos indígenas nos provoca de várias formas, mas, acima de tudo, incomoda.

Incomoda pelo fato de a academia não ter achado um nome/conceito para essas afetividades que expõem historicamente a sanha de controle por parte dos colonizadores. Incomoda porque mesmo essa obsessão por nominar transparece nosso colonialismo epistêmico e a falta de um ferramental crítico o suficiente para fazer uma autocrítica necessária no campo das Ciências Sociais no país.

De fato, num exercício bem impressionista e desprezioso, talvez possamos dividir o campo em dois. De um lado, quem diz que não existe isso de LGBTIQA+ indígena na Antropologia, pois se trata de identidades surgidas em contextos ocidentais e modernos. Assim, teríamos que buscar as categorias êmicas de gênero a fim de citar os clássicos e seguir fazendo de nossa etnologia uma enorme nota de rodapé ao que se produz no norte global. É uma Antropologia interessante, feita de um lugar seguro e estável e com certo fetiche por enunciados do tipo “tudo se passa como se”.

De outro lado, um olhar mais crítico, que entende o LGBTIQA+ indígena como um movimento de crítica anticolonial relacionado a corpos-territórios e à denúncia das maneiras como racismos e LGBTfobia marca(ra)m, historicamente, a relação dos colonizadores com os povos indígenas. É uma vertente que compreende como pensadoras, pensadores e pensador*s indígenas usam não apenas textos acadêmicos (muitas vezes algo de acesso absolutamente restrito, sabemos), mas tuíte, feicebuc, iútub e instagram para se posicionarem. É uma Antropologia que, para ler o que escreve o perfil do coletivo tibirá, escuta as músicas de Katú Mirim, presta atenção às performances *denúncia* de João Nyn e por aí vai. Nessa vertente antropológica, passamos a perceber não os aspectos êmicos (válidos, repito), mas esse feixe de discursos como uma crítica original e potente. Afinal, manifestos como o Colorindo a Luta em Defesa do Território, apresentado no Acampamento Terra Livre deste ano (2022) deixam evidente como tratar de LGBTfobia e racismos em contextos indígenas é tratar, também, de territorialidades, feminismos, educação, saúde e antifascismo.

Alguns dos capítulos aqui mostram que é possível uma Antropologia meio-termo: pautada em discussões clássicas, mas com potência crítica – ou seja, é possível uma Ciência Social epistemologicamente relevante sem ser *blasé*. Aliás, esse talvez seja um dos grandes méritos deste apanhado de textos: a perspectiva de que a academia pode se reinventar para escutar, aprender e deixar de cometer os velhos erros de sempre. Um desses erros talvez seja o medo que temos de nos aventurar por temas e abordagens inovadoras em estruturas de ensino, pesquisa e financiamento que insistem em uma ciência social que, repito, se conforma em ser uma nota de rodapé sobre uma nota de rodapé do que alguém escreveu do outro lado do oceano ou do topo de um prédio *art nouveau* em Nova Iorque ou São Francisco.

Ainda que não haja apenas um fio condutor nos capítulos que se seguem, fica premente a importância de discutir o tema. Como disse, seja para ampliar o escopo epistêmico da Antropologia; seja para nos provocar na busca de um ferramental metodológico que dê conta dos novos campos de luta dos movimentos indígenas; seja para pensar limites postos por discussões e conceitos clássicos; seja para humanizar a forma como determinadas discussões são colocadas no âmbito das universidades; seja para incluir formas não acadêmicas de pensamento no rol de produções sobre as quais nos debruçamos; seja para nos lembrarmos da importância de um pensamento combativo a partir da antropologia; etc., as leituras adiante valem muito a pena.

Mas, como eu havia dito no começo, não é meu papel, como prefaciador, adiantar essas conclusões. Meu papel aqui é de ser grato aos autores e autoras por haverem me permitido ter, desde suas experiências e reflexões, essa jornada. Obrigado!

E a você, que começa a ler este livro agora, aproveite! Tome essas reflexões como ponto de partida e se deixe ser provocada/o/e. Boa leitura!

Porto Velho, maio de 2022

Estevão Rafael Fernandes
Universidade Federal de Rondônia - UNIR



APRESENTAÇÃO

O livro *Sexualidades Indígenas* faz parte de encruzilhadas de pesquisas com/entre povos indígenas. São exercícios de reflexões e de escritas anticoloniais que desafiam os tempos hodiernos que insistem tornar a vida careta e menos vivível. Nesse sentido, o livro se coloca como uma tentativa manter o debate e uma agenda de discussões com/entre pesquisadores(as) que têm se dedicado a pensar questões de gêneros e sexualidades em contextos indígenas.

No primeiro capítulo, **Notas de uma trajetória de pesquisa em sexualidades indígenas**, numa escrita autobiográfica, vou mostrando como minha caminhada entre/com os povos indígenas foi atravessada pelas pesquisas em sexualidades indígenas. Como a discussão chegou timidamente a partir das classificações binárias homossexualidade x heterossexualidade e, depois, submetida a tentativas de rasuras, sob um olhar foucaultiano de análise baseado na biopolítica, bem como nas contribuições derridianas, quando passo a estranhar o termo *queer* indígena, adotando sob rasura a categoria sexualidades indígenas. Como uma trajetória de pesquisa se faz caminhando, e como dizia minha avó: “pé que não anda, não toma topada”, esse caminho está recheado de deslizos e poucas certezas, mas já apontando para futuras reflexões, em que a categoria sexualidade precisa ser desmontada, na tentativa de compreensão de mundos outros e normas outras, para além do que o Ocidente classificou como sexualidade.

O segundo capítulo, intitulado **Instantâneos das homossexualidades no contexto Potiguara da Paraíba**, do antropólogo Martinho Tota, da Universidade Federal do Ceará (UFC), traz etnografias realizadas nos municípios de Baía da Traição e Marcação/PB e nas aldeias Santa Rita e Cumaru, da Terra Indígena Potiguara. Martinho Tota, em seu trabalho etnográfico, recupera os discursos dos interlocutores acerca de suas sexualidades, da etnicidade, das

relações afetivas e familiares, destacando o fator geracional como elemento determinante para a configuração da geografia existencial dos sujeitos e aspecto demarcador de suas percepções a respeito de suas vidas, relações e desejos. O autor, na esteira das narrativas elaboradas acerca da homossexualidade, termina por empreender uma análise sobre o cruzamento envolvendo gênero, sexualidade e religião – no caso, a umbanda. Em sua nota conclusiva, Martinho Tota aponta que, para além de quaisquer dicotomias demasiado rígidas, do tipo rural/urbano, os discursos étnicos e sexuais emitidos pelos sujeitos não contrastavam significativamente com aqueles proferidos pelos atores que viviam no núcleo urbano da Baía da Traição, o que não pode ser pensado e afirmado como homogeneidade. Assim, segue pontuando e acreditando “que nenhuma instância do social é capaz de existir caso os sujeitos não a elaborem criativamente, interpretando e vivenciando diferenças e semelhanças ao sabor daquilo que lhes faz algum sentido”.

Em Casar-se com gente de fora: notas sobre a predação feminina e a consanguinização da alteridade, Patricia Carvalho Rosa e Luiza Maria Fonseca Câmpora, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), trazem suas etnografias feitas com o Povo Ticuna, habitantes de territórios no curso do Alto Rio Solimões, no Amazonas. O trabalho reflete que, entre os Ticuna, “o casamento (*ni’igü*) conjuga um conjunto de ações associadas a duas ideias centrais articuladas no cotidiano com a produção da pessoa, do corpo e, por consequência, do parentesco e a intrínseca relação entre os mecanismos de controles de semelhança e diferença”. Por meio da narrativa de Constância Ticuna, as autoras afirmam que “entre os Ticuna opera como princípio relacional um modelo cosmopolítico no qual o matrimônio está orientado pela lógica da exogamia, proposta pelo par de metades *ngechi’igü* (sem penas) e *achi’igü* (com penas)”. No que se refere ao casar com gente de fora, o ato acompanha um movimento cosmopolítico em que “por meio do *amansar esposo* as relações de gênero e aquelas entre ‘nós’ e ‘outros’ se amolgam na *negociação* do matrimônio através da gramática da comensalidade, do cuidado, do prazer e dos afetos cotidianos, fazendo aparecer agências femininas na modulação dos processos de predação do inimigo”.

O quarto capítulo, **Pintado com o grafismo da diversidade: um indígena homossexual no universo acadêmico**, é de autoria do indígena Kiga Boe, da Aldeia Merure, no Município General Carneiro, no Mato Grosso, e mestrando em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Em tom autobiográfico, Neimar diz: “Do vermelho do urucum tiro a força ancestral de quem um dia existiu e resistiu para que eu pudesse hoje estar expressando por meio de palavras meus sentimentos e brevemente a minha vida. Sentimentos que por muito tempo foram de tristeza, incerteza e dor”. É por meio de suas palavras-vida que Neimar nos brinda com um texto altivo e poético, lançando mão de reflexões acerca da homossexualidade indígena, sociabilidades e inclusão no ambiente universitário.

No quinto capítulo, intitulado **O projeto colonial e o processo de desestruturação das sexualidades indígenas no Brasil**, Danilo Ferreira Alexandre, indígena do Povo Tupinikim na Aldeia Caeiras Velha, no Município de Aracruz, no Espírito Santo, graduando em Ciência Política pela Universidade de Brasília (UnB), aborda como era a questão das sexualidades indígenas antes do processo de colonização europeia e como a colonização e o cristianismo influenciaram as práticas sexuais indígenas. Para Danilo Tupinikim, “o impacto da colonização causou danos irreparáveis às sociedades indígenas, nas quais as sexualidades também sofreram alterações durante esse período e com consequências inimagináveis”. Em suas notas conclusivas, o autor pontua que “a invisibilidade das sexualidades indígenas é fruto da imagem do indígena criada por europeus em cima de estereótipos nos quais a realidade dos povos originários foi mascarada”.

Em **Gênero e sexualidades em contextos indígenas**, sexto capítulo deste livro, Jefferson dos Santos Oliveira, indígena do Povo Pataxó, da Aldeia de Coroa Vermelha, no Município de Santa Cruz Cabrália, aborda em cenas autobiográficas as questões dos gêneros e sexualidades em contextos indígenas, problematizando suas vivências e militâncias em torno da questão. Jefferson Pataxó, em suas cenas autobiográficas, apresenta a construção de uma agenda política nas questões de gêneros e sexualidades, com o agenciamento de jovens indígenas de diferentes etnias que, com seus corpos, borram espectros

coloniais que ainda insistem em imperar. Para Jefferson, “apesar das inúmeras tentativas dos colonizadores de nos dizimar, mantemos nossas cabeças erguidas e seguimos firmes na luta, de mão dadas uns com os outros, lutando pelos nossos direitos e pelos interesses de nossos povos”.

Paulo de Tássio Borges da Silva
Teixeira de Freitas/BA, junho de 2022